

FHC defende honra do governo e exige 'respeito'

Em resposta a denúncias, ele pede apoio do povo e diz que oposição quer transformar País 'em terra sem lei'

ISABEL BRAGA

BRASÍLIA — O presidente Fernando Henrique Cardoso reagiu ontem, pela primeira vez, às notícias de seu suposto envolvimento nas articulações que montaram o leilão de privatização da Telebrás com o objetivo de favorecer o consórcio liderado pelo Banco Opportunity, denunciado esta semana. Em discurso de cerca de 20 minutos durante solenidade no Palácio do Planalto, ele exigiu respeito e defendeu a honorabilidade do seu governo. "Não há nada, no governo e na vida, que responda ao julgamento tranquilo da história que não tenha fundamento moral", afirmou Fernando Henrique. "E eu me orgulho de dizer que esse governo é um governo de moral, que cumpre, dentro do possível, o que diz que é necessário, que cumpre seu programa da maneira mais transparente possível, e sempre que possível."

Segundo ele, por ser um governo "que tem na moral seu fundamento", não pode "transigir com as leviandades, com as interpretações malévolas, com as insinuações, distorções, seja lá de quem for". Fernando Henrique argumentou que não é possível aceitar isso, principalmente quando são "aleivosias sobre o presidente da República e quando se tenta banalizar a apropriação da privacidade de alguém, simplesmente para fazer barulho, ou como ensejo para banalizar um instrumento constitucional da maior respeitabilidade".

A reação do presidente foi adiada desde a terça-feira, quando alguns trechos com sua participação em diálogos grampeados no BNDES vieram a público. Fernando Henrique pretendia pronunciar-se, queria "dar uma satisfação à sociedade", mas foi orientado a esperar o momento mais favorável. Ontem, seus colaboradores mais próximos avaliavam ter chegado a hora, já que as fitas não trouxeram impacto à economia e não houve nenhum desdobramento mais grave.

Em seu desabafo, o presidente ressaltou sentir "satisfação" em dizer que chega aos 68 anos (que completará no dia 18) sem nenhuma suspeição sobre sua conduta pública. "Nunca, friso, nunca tive qualquer coisa, mais remota, que pusesse em suspeição algum interesse no exercício do cargo público que não fosse do povo, o do meu País", insistiu. "Com essa mesma tranquilidade, acho que temos de levar adiante as transformações do Brasil, sem temer, sem confundir as coisas." Ao fazer referência direta às acusações de ter privilegiado o Banco Opportunity, Fernando Henrique foi enfático: "Até mesmo quando, levianamente, alguns imaginam que o governo ter-se-á embrenhado em assuntos privados, quando, na verdade, o governo estava defendendo o interesse público, defendendo com energia", frisou, recebendo aplausos dos presentes à cerimônia.

Sem esconder sua indignação, o presidente defendeu seu governo e queixou-se da falta de reconhecimento do "imenso esforço que está sendo feito dia-a-dia nesse País", não só por ele ou por seus ministros, mas pela "sociedade inteira". Ele acusou os partidos de oposição de estarem, "levianamente, banalizando o instrumento do impeachment" por fatos que são, a seu ver, "tranquilos e serenos", e de tentarem "transformar o País em uma terra sem lei, sem justiça". Segundo ele, setores da oposição estão confundindo o instituto do impeachment com uma transgressão de código de trânsito, com multas a toda hora.

"Meu Deus! Há limites da paciência nacional", disse, referindo-se à forma "leviana" como vem sendo tratada as denúncias contra ele. Fernando Henrique pediu à sociedade que seja capaz de "enfrentar desafios grandes, enraizar a democracia, separar o que é abuso do que é crítica, o que é verdade do que é suspeita, a suspeita que tem fundamento da que não tem". E atribuiu ao investimento em educação o caminho para reparar essas distorções. Segundo ele, o caminho para mudanças é a educação, e não apenas o crescimento econômico ou a distribuição de renda.